



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DISCENTES

Luciana Bessa Silva (bessaluciana@hotmail.com)

RESUMO

Como humanos, narramos nossos sentimentos, nossos desejos, nossas emoções, nossas fantasias, nossas experiências, acontecimentos cotidianos e históricos, de modo geral, narramos nossas vidas. Vale destacar que também os textos científicos narram mitos, fenômenos, descobertas. Narrar é, portanto, uma dimensão essencial da comunicação humana. Assim, a narrativa como um processo de escritura e (re)escritura da realidade tem uma importante função não só na vida pessoal como também na vida social: ajuda-nos a entender a nós mesmos e ao outro. Partindo dessa realidade, decidimos solicitar aos alunos do Curso de Enfermagem de uma Faculdade Particular uma “carta” narrando à sua experiência na disciplina de Língua Portuguesa. Nossos objetivos são: estimular a escrita entre os educandos, compreender como os alunos veem a disciplina e avaliar as práticas disseminadas em sala de aula mediante o relato dos alunos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva cujo objetivo é conhecer a visão dos alunos de um curso da área de saúde acerca da disciplina de Língua Portuguesa. Constatamos que apesar da resistência demonstrada pelos educandos no início da disciplina, eles acreditam que ela é importante não só para sua profissão como também para sua vida pessoal. O excesso de regras e exceções presentes na Gramática acaba por afastá-los desse material. Além disso, a escrita e o uso das narrativas como mecanismo de aprendizagem deve ser incentivada não só pelos professores de Português, mas de outras disciplinas, pois quanto mais os alunos relatam seus sentimentos em sala de aula, mais eficaz se torna o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Narrativa; Língua Portuguesa; Prática Docente.

INTRODUÇÃO

Educação é um vocábulo que não admite uma definição simplista. Trata-se de um fenômeno observado em qualquer sociedade e é responsável pela sua manutenção e perpetuação. Educação está relacionada a estímulo, a reflexão, a prazer e a construção conjunta do conhecimento.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Brandão (2004) pondera que não conseguimos escapar a Educação, embora muitos imaginem que o processo educativo está restrito à escola. É preciso esclarecer que tal instituição não é o único e melhor local para educar o indivíduo. “A educação existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transformação de saber de uma geração a outra(…)” (BRANDÃO, 2004, p.4). Infelizmente, a imagem da Educação está atrelada ao ensino formal. Poucos a associam, por exemplo, quando os pais transmitem seus valores a seus filhos.

O educador Paulo Freire concebe a Educação como um processo de humanização. A autonomia é, talvez, o mais importante de seus pilares. Ela revela que o aprendiz é capaz de organizar seus estudos e administrar seu tempo entre as disciplinas cursadas e, muitas vezes, o trabalho. A aprendizagem só se concretiza quando o aluno se aventura em novas descobertas, quando tem liberdade para expressar sua opinião, complementar e questionar o professor sem ser ridicularizado.

Paulo Freire defendia que a escola deveria ensinar o aluno a “ler o mundo”, isto é, ir além da escrita das palavras e da soma dos números. Para tanto, seria necessário respeitar o contexto cultural e familiar do educando e o conhecimento que ele traz consigo. Nesse caso, o aluno seria um agente ativo do processo ensino-aprendizagem. Outrossim, os conteúdos trabalhados deveriam estar relacionados com o meio que ele está inserido. Sabemos que na prática isso não ocorre.

A escola tem contribuído para a exclusão e a reprodução do individualismo e a competição entre seus membros (professores e alunos). Esse fato emperra mudanças significativas na e para a sociedade, além de manter o sistema capitalista forte e vigente. Ao sistema capitalista, marcado por pouco no poder não é interessante criar uma escola que faça o educando a questionar e a intervir na sociedade.

Diante de uma escola tradicional, conteudista e excludente o docente encontra dificuldades para realizar práticas pedagógicas diferenciadas. É válido salientar que

A escola sozinha não faz transformação para a sociedade, mas uma educação crítica, radical e libertadora é um dos instrumentos necessário de forças transformadoras e gestoras do trabalho de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

formação de seres com consciência crítica. (BRANDÃO, 2004, pp.10-11)

É preciso mudar os rumos das instituições de ensino para termos um processo educativo analítico e reflexivo, caracterizado por uma postura ética, engajada e politizada. Diante dessa realidade podemos, sim, pensar em práticas pedagógicas inovadoras.

Antes, contudo, temos que pensar no papel do professor e suas práticas avaliativas. Paulo Afonso Caruso Ronca (1996) tem uma frase interessante: “Se o papel do professor é dar aula, o aluno faz o quê?”. Teoricamente ficaria absorto, calado e passivo numa cadeira escutando esse profissional. Essa imagem não fez sentido no passado muito menos hoje na era da tecnologia. Professor não é para dar aula, é para construir conhecimento, junto com o aluno. Este é a personagem principal do processo ensino-aprendizagem.

O professor precisa criar no aluno o desejo, à vontade e a curiosidade em aprender. Ele precisa provocar no aluno a ‘sede’ pela aprendizagem, além é claro, de gerar conhecimentos e dúvidas. Logo, planejar uma aula participativa-dialogada, criativa e estimuladora é a chave para esse processo.

Outra forma de contribuir para gerar ‘sede’ ao estudante é apresentar metodologias avaliativas diferenciadas como o memorial, o portfólio, peças teatrais, projetos participativos e narrativas. Em outras palavras, é preciso deixá-los colocar a “mão na massa”.

Santos (2008) citando Donald Schon (1983) constatou, através de seus estudos, que na formação do profissional (estudante ou não) há um importante elemento da aprendizagem a ser focado: a presença da prática. Ou seja, aprende-se muito mais praticando do que apenas ouvindo, sendo um repositório de informações. A isso Paulo Freire denominou de ‘Educação bancária’. Para o estudioso, o mérito de um educador consiste não apenas em ensinar conteúdos, mas levar o aluno a pensar, a refletir. Os conteúdos são meios para buscar respostas a algo desconhecido e não um fim em si mesmo. Assim, o professor precisa provocar no aluno ‘conflitos cognitivos’ para que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ele empreenda uma busca pessoal. Pensamos, então, que dessa forma o aluno se predisponha a aprender significativamente.

A nossa prática como professora nos permitiu observar a grande dificuldade dos alunos com a Língua Portuguesa. Então, resolvemos, ao final da disciplina de Português e Interpretação Textual de um curso de saúde (Enfermagem) de uma Faculdade particular na região do Cariri, solicitar que eles escrevessem uma carta para contar como foi à sua experiência com a leitura, a interpretação e produção de texto, com a gramática etc. Isso porque segundo Os Parâmetros Curriculares Nacionais

Quando deixamos o aluno falar, a surpresa é grande, as respostas quase sempre são surpreendentes. Assim pode ser caracterizado, em geral, o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio: aulas de expressão em que os alunos não podem se expressar. (PCN, 1999, p. 34)

Portanto, deixar o aluno expor suas potencialidades e/ou fraquezas é uma oportunidade que tem o docente para avaliar e repensar suas estratégias de ensino.

Nossos objetivos além de conhecer a percepção dos discentes acerca da disciplina era incentivar o processo da escrita e avaliar nossa própria prática docente. Defendemos que o tema é relevante, pois Brunner nos diz que sempre houve uma ‘aptidão humana’ para a narrativa’, ou seja, “(...) eu me refiro a uma predisposição para organizar a experiência em forma de narrativa, em estruturas de enredo e assim por diante”(1997, p. 47) . Sua utilização como estratégia para o ensino-aprendizagem tem se tornado uma aliada importante que oportuniza o aluno a falar e escrever o que pensa e o que sente, incentiva a produção de textos, bem como proporciona o professor refletir sobre sua prática pedagógica. Além disso, permite que o aluno reflita sobre seu papel dentro desse processo. A narrativa conta ainda com outros elementos que dão sustentabilidade ao evento narrado como é o caso das personagens, o tempo e o espaço.

Portanto, qualquer experiência humana pode ser expressa através do processo narrativo. Narrar é, por fim, atribuir significado ao mundo.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma das atividades da disciplina de Produção e Interpretação Textual do 2º semestre de Enfermagem foi escrever uma carta para a professora relando a experiência com a Língua Portuguesa. Primeiro explicamos que a carta deveria ser escrita de próprio punho, pois o objetivo era incentivar a escrita. Também não deveriam se preocupar com a quantidade de linhas: o importante era narrar à experiência, as dificuldades com os textos, com o livro indicado para o período – “Miriã, uma enfermeira bambambã”, de Onã Silva, os prazeres, os dissabores durante a disciplina, até mesmo comentar sobre as atividades propostas e as provas.

Ao todo eram cinquenta e quatro alunos, mas só recebemos cinquenta cartas. Algumas observações merecem ser comentadas: 1) o tamanho. Os textos, em sua maioria das mulheres, tinham entre duas a três páginas. Em contrapartida, o texto dos homens ou eram um único parágrafo, ou uma página. 2) Designer. Os textos femininos foram entregues em folhas de papel ofício com algumas colagens (imagens da Hello Kitty, coração, cartas, a fada sininho etc) ou folhas de cadernos que mais pareciam papel de carta. Já os homens, folha de caderno tradicional.

O objetivo dessa atividade era conhecer o que pensam os alunos de um curso da saúde ao pagar a referida disciplina. Assim, a carta não foi corrigida como se fosse uma redação onde se apontam, quase que exclusivamente, os erros de gramática: ortografia, pontuação, acentuação, concordância. Contudo, não pudemos deixar de notar a grafia de algumas palavras como: “facil”, “difícil”, “augo”, “atravez”, “concerteza”, “inicio”, “porisso”, “agente”, “pesquizas”, “analizar” entre outras. Embora nenhum dos vocábulos tenha uma grafia difícil, observamos que muitos alunos, ainda, conseguem escrever incorretamente.

De modo geral, todas as cartas exaltavam a importância de se estudar a Língua Portuguesa, embora muitos alegaram não gostar de estudá-la, pois “era muito difícil”, existem “muitas regras” e “muitas exceções”. Um dos textos disponibilizados aos alunos e por eles destacados chama-se “Estudar Português? Português: uma só língua?”,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de Lya Luft: “o texto 01 é interessante”, “é engraçado”, “o texto mostra por que é importante estudar português”, “o texto mostra que se não soubermos português não vamos conseguir arranjar um emprego”. Uma das maiores dificuldades destacados pelos alunos foi sobre o texto do Novo Acordo Ortográfico: “eu nunca consegui aprender acentuar”, “são muitas regras”, “não sei porque tanta regra”, “para cada regra tem uma exceção”, “não sei porque acentuar se sem o acento pronunciamos a palavra do mesmo jeito”. Quando a AV1, primeira prova: “achei fácil, não sei porque tirei nota baixa”, “não tava difícil, a nota poderia ter sido melhor”, “tava fácil, pensei que iria fechar” etc. Na AV2, os comentários ficaram para a questão que envolvia a redação: “a prova não precisa de uma redação”, não gosto de redação”, “redação é muito difícil” , “a prova poderia ter sido toda de marcar”, “ a prova tava muito cansativa com a redação”. Ou seja, os próprios alunos reconhecem que a prova não estava complexa, mas a nota de 60¢ da turma ficou abaixo da média. Isso demonstra que os estudantes têm muita dificuldade com a Língua Portuguesa.

Vale salientar que a turma, durante o semestre, preparou uma apresentação (em equipe) sobre o livro “Miriã, uma enfermeira bambambã”: “gostei muito do livro desse semestre”, “me identifiquei muito com a história de Miriã”, “ajudou muito os colegas em cada aula explicar o capítulo do livro”, nunca tinha lido um livro todinho, esse foi o primeiro”, “gostei da parte do livro que fala sobre Ana Neri e Florence”, “acho que todo aluno, todo mundo deveria ler esse livro”. Por se tratar de uma obra que fala sobre a própria Enfermagem e por trazer uma linguagem simples, acreditamos que os alunos tenham gostado da escolha do livro.

Outro ponto que merece destaque é a resistência que os alunos apresentam no início da disciplina, mas aos poucos mostraram-se mais abertos a mesma: “pensei que a disciplina ia ser mais cansativa”, “não foi tão difícil como eu pensava”, “a disciplina não foi tão chata como pensei”, “a professora até que é legal e a disciplina também”, “talvez se eu tivesse mais tempo, poderia aprender mais”, “até que gostei da disciplina” etc.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em outras palavras, é possível contribuir para que os discentes se aproximem da Língua Portuguesa e desmistifiquem a ideia de que é difícil e não é possível aprendê-la.

CONCLUSÃO

Desde que dominou a escrita, o Homem passou a registrar seus mitos, seus anseios, seus temores, suas angústias e emoções. Assim sendo, o historiador, o literato, o jornalista, em outras palavras, nós sempre partilhamos e compartilhamos narrativas. A princípio narrou-se os grandes feitos de personagens como Ulysses ou o nascimento de nações, como é o caso de Portugal. Os heróis divinos presentes nas alegorias, nas fábulas, nos apólogos, nos mitos, com a evolução da História, cederam espaço para nós humanos. A partir de então narramos tudo: sentimentos, dificuldades, experiências, conquistas, amores etc. Até mesmo grande parte dos textos científicos são sequências narrativas de interpretações e descobertas de estudiosos, pesquisadores e teóricos.

Além disso, as narrativas podem ser um instrumento de coleta de informações, pois mostra ao narrador, pesquisador situações de sua prática. Dentro do contexto educacional contribui para o estudante reconhecer-se enquanto parte essencial do processo ensino-aprendizagem.

A carta solicitada aos alunos nos fez perceber alguns pontos: 1) é alto o índice de palavras escritas erroneamente pelos alunos; 2) há uma resistência deles para ler e escrever; 3) a falta de tempo é apontada por eles como um fator para não ler e escrever; 4) a grande quantidade de regras gramaticais acaba por “assustá-los”; 5) houve uma identificação dos estudantes com o livro escolhido para leitura (“Miriã, uma enfermeira bambambã”).

Logo o ato de narrar permite que o aluno “fale” o que sente, mostre suas dificuldades, seus limites e sua aprendizagem. Ele se sente parte do processo, porque a ele foi “perguntado” algo. O professor é capaz de se auto avaliar por esse tipo de texto e (re)pensar suas práticas.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERENCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época, v.8)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRUNER, Jerome. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 104p.

CUNHA, Renata Cristina da. **As narrativas autobiográficas e a aprendizagem da docência: uma proposta de estudo com professores do curso de letras-inglês em início de carreira**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP, Campinas, 2012.

_____. **Os professores de Língua Inglesa em início de carreira e a produção da profissão docente: um estudo com diários narrativos**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997.

DALCIN, Andréia. **Um olhar sobre o paradidático de matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação: Educação Matemática). Campinas, SP: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2002, 162p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa Brasília. Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

SANTOS, Sydione. A narrativa como estratégia de formação e de reflexão sobre a prática docente. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.11, n.2, p.207-217, maio/ago. 2008. Disponível: <http://www.dtp.uem.br/rtpc/volumes/v11n2/010-artigo-sydione-207-217.pdf>. Acesso em 23/07/2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO